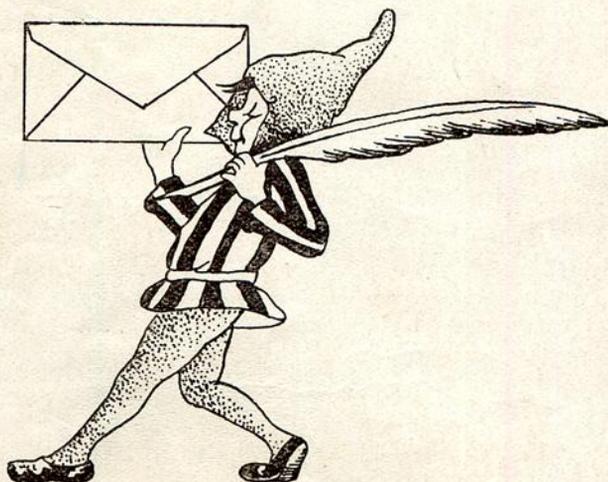




*Secção dirigida pela Princesa Peclimpimpim*

RECEBI  
A TUA  
CARTA...



Ainda não recebi porque nasço hoje. Mas sei que vocês, miúdos de Portugal e Colónias, da China e de Marte, da Australásia e do planeta Saturno me' vão escrever.

Tenho, pois, a dizer-vos que aqui estou para o que der e vier.

Muito amiga e obrigada (põe o chapéu) eu sou a Princesa Peclimpimpim que responderei às vossas perguntas com todo o prazer e veneração, gargalhada e bom humor que me merecem.

Ora—vá lá uma novidade para começar. Vou organizar um grande Concurso.

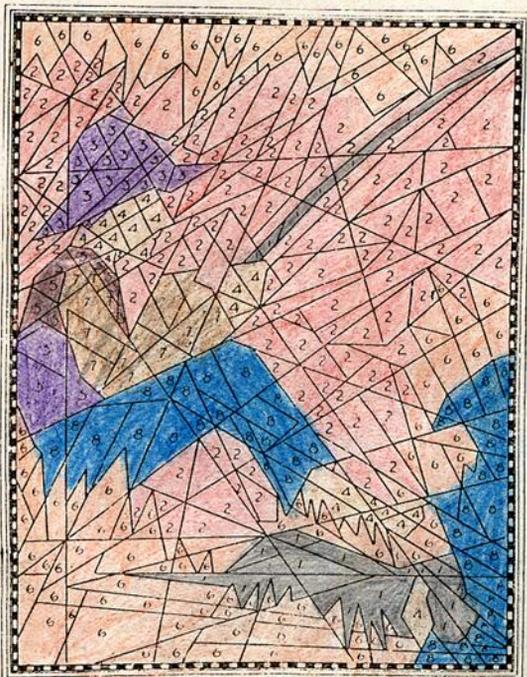
Vocês vão fazer um desenho com uma quadra. Aquele que apresentar o mais lindo desenho com a sua quadra a dizer, ganha cinqüenta escudos.

Valeu? Olhem que são 50 paus!

Dos recém-nascidos até aos quinze anos, todos podem concorrer. Mandem idade, morada e retrato.

O Concurso dura um mês.

E entretanto, para inspirar... vejam que bonito quadro é este que aqui vai a seguir. Uma paciência como tantas outras, mas muito engraçada.





Quando eu era pequenina, assim como vocês, a minha avôzinha, leu-me não sei em que livro, a história dum menino chamado António e duns bonecos que não tinham nome mas eram de arame.

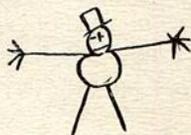
Querem ouvir?

Ora, era uma vez uma aldeia lá para as bandas do Minho onde havia muita gente e algumas casas.

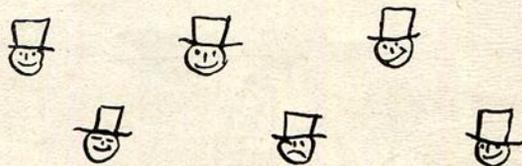
Também lá havia um rapaz mau como as cobras que andava sempre a pensar em fazer avarias.

Uma coisa que ele gostava muito de fazer era desenhar bonecos na parede.

Fazia-os em série, todos do mesmo modelo.



A tremer, o António fez os chapéus que imediatamente se despegaram da parede, indo colocar-se nas



cabeças dos monos que ficaram todos importantes abandonando as abas de casacas imaginárias.

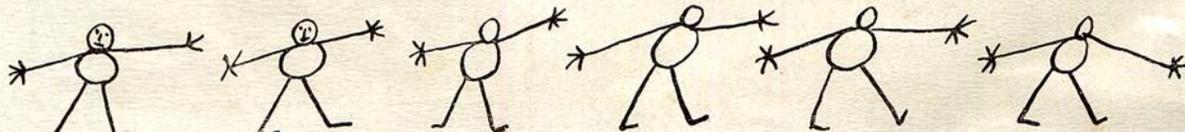
E um berrou:

—Mas ainda não é tudo. Ó António, vai desenhar uma cabeça de burro.



—Eu, senhor boneco? Para quem?

—Olha, para quem?—gargalhou o mono fazendo várias cortorsões mirabolantes.—Já vais ver...



Com chapéu alto ou sem êle...

E não escolhia local para patentear ao público a exposição dos seus trabalhos.

Vocês estão a ver? Ora imaginem o que seria uma capela linda e alva com um mono destes pintado ao lado direito:



Um dia, o sr. Abade ralhou com êle:

—Antoninho, olha que aquilo não se faz. Pintar assim uns bonecos esquisitos na casa do Senhor. Olha que qualquer dia, o boneco salta da parede e dá-te uma lição!

O bom do pároco disse aquilo para assustar o António, e nunca mais pensou no assunto. O rapaz esteve três dias quieto, mas ao quarto, sentiu um tal formigueiro nos dedos, que foi para o cruzeiro do largo e zãs: *desenhou um friso dos bonecos nossos conhecidos.*

Ele desenhou, já que não tinha outro remédio.

E assim que a cabeça de burro surgiu, um dos saltapocinhas arrancou-a da parede e pimba! enterrou-a pela cabeça abaixo do António.

Nem mais nem menos!

Ele barafustou e queria tirá-la. Então, um dos bonecos, que, por sinal, tinha seis dedos numa das mãos, arremou-se em polícia sinalheiro e com o dedo sobrece-lente deu o sinal:

Todos deram as mãos e fizeram uma roda cantando e bailando ao menino-burro que estava no meio.



E querem ver o que aconteceu?

O António começou a ter muito pêlo, uma propensão inelutável para pôr as mãos no chão, cresceu-lhe qualquer coisa no fundo das costas e com licença de quem está presente, começou aos coices.

Cruzes, t'arrenego!

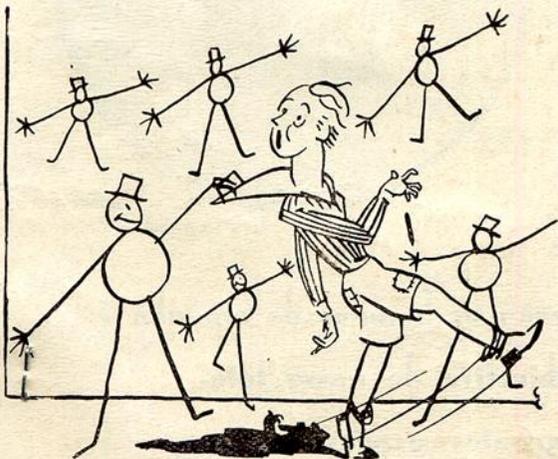
Os bonecos de arame cada vez pulavam mais, cheios de alegria e o burro António chorava grossas lágrimas de aflição e arrependimento.

E eles foram apertando o círculo, a ponto de o magoarem muito com o arame que até parecia farpado na ponta dos dedos.

E cantavam assim:

Ai la ri lô lé  
Quem é?  
Quem é?  
Que nos pintou  
E arreliou  
Com carvão  
E miôlo de pão?

Já estão vendo que lá para poetas não tinham grande jeito, os bonecos; mas nem por isso estavam menos vaidosos com a cantiga. E tornaram outra vez, em falsete:



Ailarilólé  
Quem é?  
Quem é?  
Um menino caturro  
Transformado em burro  
Que perdeu a mão  
Que desenhava a carvão?

E cada vez bailavam mais atirando-se de encontro ao pobre burro António que, cada vez chorava e carpia mais alto.

Foi tão grande a gritaria e a zurraria (salvo seja!) que o bom do sr. Abade veio da igreja ver o que se passava.

Palavra que ficou assustado.

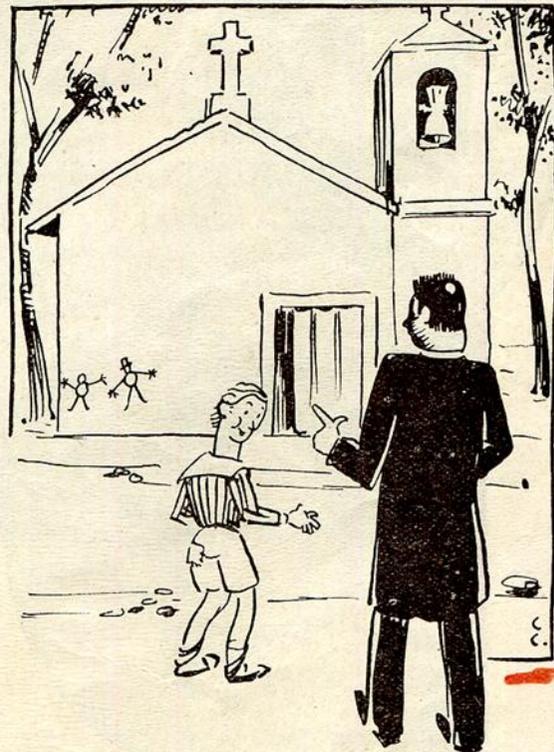
Reconheceu os bonecos com que o António costumava enriquecer as paredes da capela e, ó Céus! ao olhar para o burro ouviu-o falar e dizer:

—Ai, sr. Abade, salve-me nesta aflição, ai meu rico sr. Abade, perdoe-me, que eu nunca mais torno a fazer bonecos na Capela!

—Juras?

—Juro! Vou ser uma pessoa de juízo, prometo...

Então o sr. Abade foi-se aos bonecos e partiu-os todos: braços para aqui, chapéus para ali, cabeças para acolá.



Depois despiu a pele do asno e o António apareceu outra vez são e escorreito, com o remendo nas calças e os dedos sujos de tinta. Não faltava nada.

O sr. Abade levou-o para a sacristia e fêz-lhe o seu sermão muito bem feito. O António ouviu e calou e, no fim, ouviu e prometeu.

E afinal passa a vida a fazer bonecos, sabem? Mas não daqueles monos, nem pelas portas e paredes.

Passa a vida a fazer quadros lindos porque o António, fiquem sabendo esta que pela qual não esperavam: o António é hoje um dos maiores pintores do mundo.